

ESTUDOS MARISTAS, N.3

Crise e Carisma

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DAS CRISES NO
INÍCIO DO INSTITUTO MARISTA À MORTE DO
FUNDADOR (1817-1840)

ANGELO RICORDI
PATRICIO PINO MEDINA

FRANCISCO FLORES SÁNCHEZ
PAULO QUERMES



ESTUDOS MARISTAS, N.3

Crise e Carisma

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DAS CRISES NO
INÍCIO DO INSTITUTO MARISTA À MORTE DO
FUNDADOR (1817-1840)

ANGELO RICORDI
PATRICIO PINO MEDINA

FRANCISCO FLORES SÁNCHEZ
PAULO QUERMES



2021

Expediente:**Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)***Superior Provincial*

Irmão Benê Oliveira

Diretor Executivo

June Allison Westarb Cruz

Diretor de Identidade, Missão e Vocação

José Leão da Cunha

Diretor Memorial Marista

Dyogenes Philippsen Araujo

Colaboradores

Angelo Ricordi

Francisco Flores Sánchez

Patricio Pino Medina

Paulo Quermes

Edição e revisão

Angelo Ricordi

João Luis Fedel Gonçalves

Sebastião Antônio Ferrarini

Tradução

Lafayette Megale

Francisco Flores Sánchez

Diagramação

Eneo Lage

Lara Pessoa

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

C932 Crise e carisma : uma análise histórica das crises no início do Instituto Marista
2021 à morte do fundador (1817-1840) / Angelo Ricordi ... [et al.] ; tradutor,
Lafayette Megale ; editores, Angelo Ricordi, João Luis Fedel Gonçalves. –
Curitiba : Memorial Marista, 2021. – (Estudos Maristas ; n. 3)
31 p. : il. ; 24 cm.

Inclui bibliografias

ISBN: 978-65-87802-76-3 (e-book)

1. Irmãos Maristas – História. 2. Atitudes em relação a saúde. 3. Crises
financeiras. 4. Liderança. 5. Champagnat, Marcelino José Bento, Santo, 1789-
1840. I. Ricordi, Angelo. II. Gonçalves, João Luis Fedel. III. Título. IV. Série.

21-085

CDD 20. ed. – 271.7909



PT - Por gentileza, ao receber esse livro, digitalize o **QR Code**. Se for do seu interesse, você também poderá avaliar a obra. Obrigado.

EN - When you receive this book, please, scan the **QR Code**. If it is of your interest you can also evaluate this work. Thank you.

ES - Por gentileza, al recibir este libro, escanea el **QR Code**. Si es de su interés usted también podrá evaluar esta obra. Gracias.

FR - Lorsque vous recevez ce livre, scannez le **QR Code**. Si cela vous intéresse, vous pouvez également évaluer ce travail. Merci.



APRESENTAÇÃO

Nós, membros do Grupo de Investigação do Patrimônio Carismático Cultural Marista da Rede de Centros de Memória Marista da Região América do Sul, executamos a missão de esclarecer, a partir de nossas carismáticas origens e história, a realidade complexa e crítica que enfrentamos hoje como família humana diante da epidemia que nos afeta de modo assombroso.

Como já sabemos, trata-se de um fato de nos atinge sem o preparo adequado e, além disso, causado por um problema específico de saúde – a propagação e o controle de um vírus pernicioso contra o qual ainda não há remédio –, e que trouxe com ele inúmeros outros problemas. Alguns deles afetam diversos sistemas: econômico, inter-relacional, familiar, social, político e, ao mesmo tempo, o próprio sentido da vida. Uma crise como a que enfrentamos não chega sozinha, pois muitos outros aspectos de nosso cotidiano são dramaticamente influenciados por ela. Diante dessa realidade e das provocações que nos impõem o XXII Capítulo Geral, somos chamados a ser construtores de pontes na busca de relações menos egoístas que se concretizem em ecos da vida e da solidariedade entre os seres humanos.

Por isso queremos oferecer, numa série de artigos breves do Patrimônio Marista, uma visão carismática da realidade em que, Maristas de hoje, estamos mergulhados, uma vez que fazemos parte dessa humanidade que a vive e sofre. Não apenas como participantes passivos, mas sobretudo como atores que se esforçam por mostrar alternativas, as mais diversificadas, para enfrentar o que pode ser vivido de outro modo, como de fato muitos Maristas já atuam, inspirados na caminhada de Marcelino Champagnat.

Não foram a crise, o conflito, a dívida, a dúvida, o descrédito, o colapso da rotina... parte da caminhada de Marcelino Champagnat e da primeira comunidade de irmãos em companhia da qual ele seguia essa trilha carismática? Se isso é verdade, como eles viveram? Quais foram os segredos de sua resiliência no enfrentamento de sua trajetória, a fim de neste momento continuarem a ser, para nós, fonte de inspiração e esperança? O que eles conseguiram aprender com essas experiências terríveis que enfrentaram e às quais deram resposta? Alguns desses aprendizados ficaram incorporados em nosso DNA carismático marista, a ponto de despertar em nós o que temos de melhor e oferecê-lo dentro do nosso contexto?

Mas não queremos apenas dirigir nosso olhar para esse grupo que deu origem a nossas raízes maristas e construiu suas características. Levaremos igualmente nosso olhar para a história da caminhada de nossa família carismática porque o dom do Espírito Santo entregue na graça da fundação está longe de ser apenas uma relíquia. É antes um manancial que traz vida a todas as gerações que o recebem e a todos os contextos em que vivem e se entregam os que o acolhem. Há, por conseguinte, uma missão evangélica e mariana coletiva que se desenvolveu e se expandiu ao longo do tempo que vivenciamos de 1817 até nossos dias e do espaço que ocupamos iniciando em La Valla até atingirmos os 82 países em que nos encontramos atualmente.

A partir desse olhar histórico, nos interrogamos também sobre as graves crises que, hoje, como família carismática global, estamos vivendo no percurso da história da qual fomos e somos parte nesses dois séculos de caminhada. Que crises foram essas que nos afetaram? Que crises externas nos atingiram? Que crises internas nos abalaram? Como nós as recebemos, as enfrentamos e as superamos? O que aprendemos com cada uma delas? O que resultou de cada uma delas na evolução de nosso carisma, tornando-o mais rico para nós mesmos e para os outros?

Nos artigos que se seguem, nos dedicamos a aprofundar cinco domínios críticos que nos afetaram desde nossas origens e que ainda hoje são componentes da grave pandemia que nos flagela:

- Em primeiro lugar, o tema da saúde, presente nas origens em duas experiências muito fortes da vida de nossa comunidade fundadora: a grave e prolongada doença do padre Champagnat no final de 1825, que o colocou em situação de risco de morte, e o triste dado do falecimento de 53 irmãos antes de Marcelino morrer em 1840, cuja média de idade era de 22 anos.
- Em segundo, tendo em vista a complexidade de nossa crise atual, os prolongados e variados acontecimentos que se sucederam a partir de sua enfermidade no final de 1825, situação que desencadeou um período confuso em torno de temas ligados às finanças, à credibilidade, ao abandono, que colocaram a obra marista à beira de um precipício.
- Em terceiro, o tema econômico, presente desde o princípio da fundação, com grandes sonhos, mas recursos mínimos, o que levou o Fundador a endividar-se constantemente, chegando a momentos de descapitalização, e a viver com suas propriedades e terrenos disponíveis da obra nascente hipotecados, condição que perdurou até sua morte.

- Em quarto, o tema da liderança, na constante procura da melhor estrutura de animação, gestão e governo para dar sustentabilidade a sua obra, busca que se viu interpelada, e por vezes de modo severo, pelas autoridades estabelecidas e pelos sentimentos das pessoas.
- E, finalmente, um artigo que se esforçará para apresentar um olhar de conjunto das formas de acolher e enfrentar as diversas ramificações críticas, além das já mencionadas, que a obra marista nascente teve de enfrentar, na caminhada de procura e crescimento do dom carismático do Espírito Santo através do Fundador, da comunidade fundadora e do contexto dessa experiência.

São esses os cinco pontos, pincelados aqui e abordados à luz da experiência da comunidade fundadora, que apresentaremos em artigos curtos, incluindo igualmente, em cada um deles, sua influência sobre todos nós.

Esperamos, desse modo, fornecer à família marista, luzes carismáticas para fazer a caminhada que hoje devemos realizar com espírito marista, eclesial, social, cultural, familiar, relacional, econômico e político, dando sentido a nossas vidas.

Irmão Patricio Pino Medina

Santiago, 6 junho de 2021

Solenidade de São Marcelino Champagnat

A BOA SAÚDE: PREOCUPAÇÃO FUNDACIONAL DE MARCELINO CHAMPAGNAT

Ir. Patricio Pino Medina¹

Diante da situação de pandemia em que vivemos, que nos angustia, distancia e entristece, nós nos perguntamos, como maristas, se Marcelino e sua comunidade fundadora também viveram uma situação semelhante, que nos permita examinar e aprender a partir de sua trajetória carismática num contexto semelhante. Pesquisando seus escritos no que se refere a esse assunto, encontramos experiências importantes que, se não dizem respeito a uma pandemia global como a nossa, nos mostram o peso que, em sua época e na França daquele tempo, o tema da saúde, da doença e da alta taxa de mortalidade da população teve influência na fundação da obra marista.

Será bom destacar como dado inicial muito relevante o fato de, dos aproximadamente 470 candidatos² que chegaram a ser irmãos no período da vida de Marcelino, terem falecido 48 antes do Fundador, com uma idade média próxima dos 22 anos³. Naquela época — entre 1789 e 1840 — a expectativa de vida no país era de 37 anos, sendo, portanto, muito baixa na comparação com a média nacional a idade média de 22 anos. Parece que o contexto ambiental das escolas rurais que os irmãos dirigiam era bastante insalubre: o exercício da profissão deles era muito arriscado.

É verdade que Marcelino e os primeiros irmãos começaram seu projeto educativo-evangelizador com pouquíssimos recursos, levando um estilo de vida de extrema austeridade e excesso de trabalho, com o objetivo de baratear os custos das escolas e dos educadores que ofereciam, a fim de que se tornassem viáveis e sustentáveis para os municípios e as paróquias rurais. Entretanto, já desde o começo, o tema da saúde dos irmãos e das crianças que frequentavam as escolas foi se tornando cada vez mais relevante, na medida mesma em que foram surgindo enfermidades, sobretudo no campo

¹ Professor de Religião (Universidade Católica de Valparaíso) e de Educação Básica (Universidade Católica de Santiago). Criador e coordenador de Estudos do Patrimônio Marista e de Estudos do Patrimônio Carismático Cultural Marista para a Província Santa Maria dos Andes (Chile, Peru e Bolívia) e do Grupo de Referência em Investigação da Rede de Centros de Memória Marista da Região América do Sul. Membro da Comissão Internacional de Patrimônio Marista do Instituto.

² BRAMBILA, Aureliano (2005). Lugares de Encuentro con Marcelino Champagnat. Personal ingresado en tiempos del Fundador. Loma Bonita – Guadalajara, México, pp. 44 y siguientes (CEPAM Vínculo: in733001.doc e in910001.doc).

³ SESTER, Paul, *Origines des Freres Maristes*. Recueil des Écrits de St Marcellin Champagnat. 1789-1840. Tome 3, pp. 301-315. Original en AFM 135.6 (CEPAM Vínculo: ch175003.doc).

respiratório, associadas à qualidade da alimentação, à calefação e à ventilação inadequadas, à umidade das construções, às salas de aula muito pequenas, que os expunham aos frequentes contágios com os resfriados e gripes que as crianças levavam para a escola e que, naquele tempo, ainda não contavam com soluções da parte da ciência médica.

Nos escritos de Marcelino, há várias cartas relacionadas à saúde dos irmãos⁴. Seja como votos que faz aos irmãos, seja como um motivo de alegria o fato de a terem, ou ainda uma exigência para entrar no Instituto, ou para uma receita médica. Ele menciona ainda a boa saúde como uma condição necessária para poder fazer o bem na escola. Em outras cartas, seu foco de atenção consiste em pedir insistentemente aos irmãos que cuidem de sua saúde: quando recuperados, devem cuidar da saúde dos mais frágeis. Ao mesmo tempo, agradece aos que já prestam esse serviço. É um convite constante a se preocuparem todos com a saúde. Em duas cartas, refere-se à recuperação da saúde de um irmão com um olhar de fé sobre o fato.

Em cinco cartas, dirigidas a autoridades locais ou a um irmão, pronuncia-se num tom interpelador a seus interlocutores insistindo que um trabalho inadequado ou até mesmo exploratório colocou em risco a saúde dos irmãos com graves consequências, incluindo a morte de um deles.

Quando Marcelino trata de doenças⁵ que afetam os irmãos, ele se torna ainda mais insistente em sua correspondência. Trinta e uma cartas dele referem-se ao uso desse termo associado à vida dos irmãos. Em quinze ocasiões ele descreve em poucas palavras, mas com precisão, casos concretos de irmãos que sofrem ou sofreram de doenças, e os expõe tanto aos irmãos como às autoridades locais, sejam civis, sejam eclesiásticas que fossem encarregadas dos irmãos.

Em quatro ocasiões, o tema se refere a irmãos que acabam de falecer. O Fundador descreve a doença terminal de cada um desses irmãos e expõe seu olhar de fé sobre o fato. Geralmente esses comunicados se fazem mediante circulares para todos os irmãos, nas quais fomenta a entrega, o espírito de família, e um apelo à fé sobre essa realidade, que chegou a ser frequente na comunidade fundadora que conviveu com Marcelino.

Ao tratar com tanta frequência sobre o tema da doença e da saúde, Marcelino expressa em seus escritos detalhes que gostaríamos de destacar: em diversas ocasiões, a doença dos irmãos ou seu estado de saúde em geral é argumento importante para postergar fundações de escolas que lhe são solicitadas. É ainda argumento para soli-

⁴ Ch190072.docx. pp.1-7.

⁵ Ch190072.docx. pp.7-16.

citar apoio econômico às autoridades civis superiores que já o socorreram em outras ocasiões. Com simplicidade, nesses dois assuntos, faz ver com clareza sua preocupação pelo peso dessa realidade, tão humana, na gestão do projeto marista que deseja levar adiante.

Um segundo aspecto importante é o detalhe com que descreve a sintomatologia ou os nomes das enfermidades de que sofrem tanto ele como os irmãos ou os sacerdotes. Parece tratar-se de um tema familiar e contínuo; força os médicos que atendem l’Hermitage a lhe passarem todas as informações e a prestar bons serviços. Está sempre bem informado dos sofrimentos de seus irmãos. E, realmente, por outras fontes, sabemos que montou uma enfermaria em l’Hermitage, e alguns dos irmãos prestavam esse serviço aos demais.

Um terceiro aspecto ligado a esse tema é sua parte legal. Marcelino comenta com frequência a necessidade de um atestado médico para o irmão doente, ou um atestado do prefeito local para justificar a ausência de um irmão ou sua saída de um estabelecimento por certo período. Há ainda a necessidade dessas informações oficiais para serem apresentadas no serviço militar dos irmãos.

Um quarto aspecto dentro desse tema é a ternura e a delicadeza e, às vezes, a ironia com que comunica aos irmãos essa realidade quando estão doentes: demonstra muita preocupação com a saúde de seus irmãos, consciente da necessidade desse dom para poder fazer o bem entre as crianças. Mas entrega também a responsabilidade desse aspecto vital nas mãos dos próprios irmãos, para que se cuidem se realmente desejarem levar adiante sua missão.

Por último, em carta do ano 1835, dirigida a seu superior, o Padre Jean-Claude Colin, o Padre Champagnat nos mostra a preocupação do assunto saúde na hora de receber os candidatos ao Instituto. Num tempo em que ainda não há vacinas, sobretudo para doenças relativas ao sistema respiratório, o Fundador cuida muito desse aspecto na seleção, dada a experiência já acumulada de haver enterrado, principalmente por essa razão, a 22 irmãos até essa data. Precisa de pessoas com saúde, sem sintomas crônicos de doenças respiratórias.

Ao encerrar este artigo, podemos constatar, com base nos textos de Marcelino, que sua experiência fundadora e carismática foi vivida num contexto de muita fragilidade em relação à saúde. Essa realidade marcou fortemente a comunidade fundadora dentro desse novo modo de ser Igreja, mas não impediu sua evolução. Era um dom do

Espírito para dar vida evangélica, em seu contexto, às crianças mais abandonadas do campo da França, mas com o foco posto num horizonte muito mais amplo: todas as dioceses do mundo e até nossos dias.

Critérios importantes que se depreendem de suas cartas para enfrentar a inevitável fragilidade da doença e da morte: tratar desse tema, identificá-lo, delimitá-lo, encará-lo, procurar apoio dos que entendem melhor do assunto. Prevenir, cuidar-se e cuidar, melhorar cada vez mais as condições ambientais que permitam preservar a saúde, para poder desenvolver a missão e fazer o bem. Fazer leituras de fé dessa realidade tão humana, mas que nos fala da ação e da vontade de um Deus que passou e passa entre nós fazendo o bem, curando, recuperando a saúde e convidando-nos a não temer, pois vive entre nós, também sofrendo em nós e em nossos irmãos e irmãs.



Figura 1- Ilustração da Casa de La Valla

MARCELINO CHAMPAGNAT E A CRISE DE 1826

Angelo Ricordi⁶

A crise é uma espécie de marca humana, algo essencial na dinâmica do crescimento pessoal e espiritual. Não existe vida que não pressuponha a experiência da crise. Essa palavra origina-se do termo grego *krisis* e remete a uma pluralidade de sentidos: fundição e purificação, bem como separação, escolha, discernimento e juízo, entre outros. Para a nossa reflexão vamos utilizar o conceito de crise como oportunidade de purificação em vista de um melhor discernimento que nos ajude a chegar a um juízo mais apropriado do momento em que vivemos. Para a nossa reflexão vamos utilizar o conceito de crise como oportunidade de purificação em vista de um melhor discernimento que nos ajude a chegar a um juízo mais apropriado do momento em que vivemos.

Na tradição marista, em especial na vida de São Marcelino Champagnat, podemos observar diversas crises. Sua vida, assim como a de todo ser humano, não foi isenta de episódios em que a purificação foi precedida de uma verdadeira “fundição”. Aliás, essa é uma excelente imagem: para ser derretido, o metal precisa passar por altas temperaturas, e justamente nesse momento sua estrutura se torna maleável, dando ao ferreiro ou artesão a possibilidade de o formatar como desejar. Quando olhamos as crises pelas quais passou Marcelino e o Instituto, e que agora estamos a passar, nos sentimos de certa forma no meio dessa fundição, dessa situação em que as estruturas sólidas de nossas certezas e escolhas são liquefeitas por um “fogo” que eleva a “temperatura” na qual estávamos acostumados a seguir com as nossas vidas.

A crise de 1826 é um desses momentos de verdadeira purificação. Para entendermos a extensão dessa crise, é necessário voltar aos inícios da instituição. Depois de fundar o Instituto Marista em 1817 e de superar a forte crise vocacional de 1822, a nova congregação começa a prosperar. A ampliação da casa de La Valla se mostra insuficiente para acolher os novos novíços que se apresentam.

Em 1824, com a chegada do novo arcebispo de Lyon, dom Gaston de Pins, Marcelino consegue apoio importante para sua obra: recebe a autorização em fornecer um

⁶ Angelo Ricordi atua como Especialista no Memorial da Província Marista Brasil Centro Sul, na Diretoria de Identidade Missão e Vocação. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi. Especialista em Carisma e Identidade Marista pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestre em Teologia pela PUCPR. Pesquisador do Laboratório Irmão Francisco Rivat/PUCPR. Membro da Comissão de Vida Marista da UMBRASIL. Coordenador do Grupo de Referência de Pesquisa da Rede Centros de Memória Marista da Região América Sul.

hábito religioso para a sua congregação e tem a permissão para a compra do terreno de l'Hermitage. Além disso, num gesto de confiança e benevolência, o arcebispo autoriza a vinda do padre Courveille para auxiliar Marcelino no governo dos Irmãos.

Os meses que se seguiram foram de intensos trabalhos para Marcelino e os Irmãos que auxiliavam os pedreiros contratados para a construção do edifício de l'Hermitage. Assim como na reforma da casa de La Valla, surgiram muitas narrativas, sobretudo da tradição oral, em que Marcelino é posto como o principal responsável por toda a obra, destacando-se, por uma força fora do comum, nos trabalhos mais difíceis.

O empenho rigoroso assumido na construção de l'Hermitage, somado às viagens cansativas que realizou, por volta da festa de Todos os Santos, às escolas dos Irmãos, levou o fundador a um verdadeiro colapso físico e mental. Depois da celebração do Natal de 1825, caiu gravemente enfermo, a ponto de ter sido necessário fazer um testamento, em caso de falecimento. Nesse cenário podemos observar o enfrentamento de uma grande crise na vida de Marcelino e do Instituto. Começa com a saúde fragilizada do padre Champagnat, evolui para uma crise financeira e de liderança que por sua vez se traduz em uma profunda solidão e deserção de alguns dos seus primeiros discípulos.

Os eventos que levaram à crise de 1826 foram devastadores em diversos aspectos para a casa de l'Hermitage. Contudo, chama a atenção a capacidade de Marcelino de estancar os efeitos dessa crise, praticamente restringindo-os à comunidade de l'Hermitage.

Nesse período, as demais escolas não apenas continuaram funcionando a contento, como novas foram abertas, em Neuville, Mornant e Saint-Paul-en-Jarret, no Loire. Disso podemos deduzir que, apesar dos seus efeitos duradores, a crise de 1826 não paralisou a ação e o desenvolvimento do Instituto Marista.

Como Marcelino vislumbrou futuro a partir desta grande crise? Do ponto de vista espiritual, estamos diante de uma das grandes iluminações da espiritualidade do padre Champagnat, o *Nisi Dominus*. Trata-se de uma experiência forte de Deus a partir da interiorização do Salmo 126: “Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão os construtores; se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão as sentinelas! É inútil levantar-se de madrugada, ou à noite retardar vosso repouso, para ganhar o pão sofrido do trabalho, que a seus amados Deus concedem enquanto dormem”. Em outras palavras, Sem Deus, tudo em vão.

Do ponto de vista administrativo, estes acontecimentos desenrolam-se na reorganização da fundação dos Irmãos em l'Hermitage. Na crise de 1826, Champagnat reformula a associação de Irmãos e introduz os votos perpétuos, criando uma elite de discípulos, da qual os sacerdotes, antes imaginados por ele em um primeiro modelo da Sociedade de Maria, não fazem mais parte. Champagnat vai assumir definitivamente o cargo de fundador dos Irmãos, sem, contudo, deixar de trabalhar e desejar no mais profundo do seu ser a realização da obra dos Padres Maristas (Cf. FURET, 1999, p.189).

Do ponto de vista eclesástico, a crise expõe o fracasso de uma primeira tentativa de fundação da Sociedade de Maria na diocese de Lyon. A crise de 1826 reformula, portanto, a compreensão da finalidade e ação dos Irmãos Maristas, bem como revela à Marcelino quais são os Irmãos com quem ele pode contar no desdobramento da refundação do Instituto Marista. Se em algum momento Champagnat teve dúvidas em relação ao seu papel como fundador da obra dos Irmãos, a carta ao padre Cholleton de 1833 revela uma tomada de consciência do seu papel:

“Por fim, Deus em sua infinita misericórdia, melhor, talvez em sua justiça, me devolveu a saúde. Tranquilei meus filhos, dizendo-lhes que nada temessem, que eu compartilharia de todos os seus dissabores, partilhando com eles até o último pedaço de pão. Naquela ocasião (a crise de 1826) constatei que nem um nem outro (Courveille e Terrailon) tiveram sentimento de pai para com meus jovens... Mesmo estando sozinho, por causa do afastamento do padre Courveille e a saída do padre Terrailon, Maria não nos abandona. Aos poucos vamos pagando as dívidas, outros Irmãos vêm tomar o lugar dos primeiros. Maria nos ajuda e isso nos basta” (CARTAS, n.30, p.151).

Ao contemplarmos de perto e com a ajuda de alguns detalhes históricos a forma como Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos lidaram com a crise de 1826 percebemos que a vulnerabilidade e fragilidade não estiveram ausentes da sua experiência. Percebemos que a solidariedade e a criatividade foram elementos importantes na mitigação dos efeitos da crise. É possível verificar latente a todas essas iniciativas uma confiança que não se confunde com certeza e uma atitude esperançosa que difere do simples otimismo. Houve do começo ao fim um caminho de discernimento e juízo, de purificação e de escolha do essencial. Um caminho de purificação da sua própria espiritualidade. A síntese da experiência espiritual dessa crise pode ser traduzida da seguinte forma: Marcelino fez tudo o que estava ao seu alcance, com todas as forças de sua alma, mas discerniu que o futuro da vida repousa nas mãos de Deus. Ao final não está o fracasso e o nada, mas o abraço misericordioso de Deus. A confiança torna-se purificada

dos seus ídolos, a virtude da humildade é vivida como dom, como graça. Eis um dos pilares de nossa espiritualidade marista para os dias de hoje.

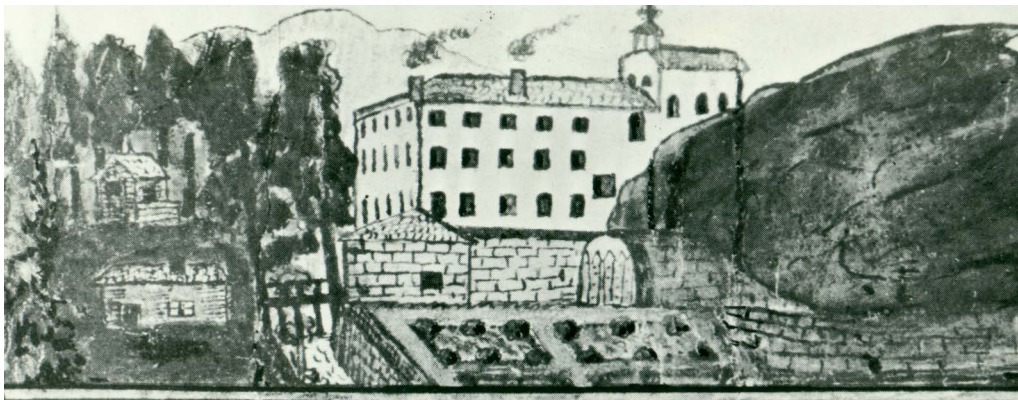


Figura 02- Desenho de l'Hermitage (1829) por Jean-Antoine Bourdin

A CRISE FINANCEIRA

Paulo Quermes⁷

Nas edições anteriores ao fazermos o debate sobre a crise atual e seus impactos nas pessoas, instituições e sociedade, nos propusemos fazer uma análise, uma interface com as diversas crises vivenciadas pelo Fundador e Instituto Marista. As crises de saúde, vocacional/poder, econômica, política/institucional e nos períodos de guerra são o foco das análises empreendidas. O foco agora centra-se na crise financeira, principalmente, pelas dívidas contraídas para a construção da Casa Mãe de L’Hermitage, mas que também revela ousadia e ato firme de confiança do fundador dos Pequenos Irmãos de Maria, os Irmãos Maristas.

Crises? Na história do Instituto Marista foram várias e nas sociedades também. Para Sigmund Freud, naquele que é considerado seu último trabalho, *O Futuro da uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilizações* (1929/1996), escrito em meio à turbulência da quebra das Bolsas de Valores em 1929 e ao advento perverso do Nacionalismo e Fascismo, nos ajuda a compreender o que seja uma crise, seus males e possibilidades, principalmente nas adversidades causadas pela natureza, como os desafios atuais impostos pela pandemia do Coronavírus, o COVID 19: “Uma das poucas impressões gratificantes e exultantes que a humanidade pode oferecer, ocorre quando, em fase de uma catástrofe elementar, esquece as discordâncias de sua civilização, todas as suas dificuldades e animosidades internas, e se lembra da grande tarefa comum de se preservar contra o poder superior da natureza (FREUD, 1929/1996, p. 25).

Voltemos para o foco desse texto, a crise econômica vivenciada por São Marcelino Champagnat pelo longo período de construção da Casa de L’Hermitage. Para entendermos a extensão dessa crise é necessário voltarmos um pouco no tempo. Depois de fundar o Instituto Marista, em 1817 e conseguido superar a forte crise vocacional de 1822, o Instituto começa a prosperar em termos de chegada, entrada de novos vocacionados. A ampliação da casa de La Valla se mostra insuficiente para acolher os novos novíços que se apresentam, como descreve Champagnat: “Quanto a La Valla, acho que teremos muitos alunos e também muitos pobres. Graças a Deus! Faremos o possível para ali-

⁷ Paulo Afonso de Araújo Quermes é Assessor da Área de Gestão e Missão da União Marista do Brasil – Umbrasil. Coordena do Comitê Gestor da Rede de Centros de Memória da Região América Sul. Possui graduação em Ciência Política pela Universidade de Brasília (1997), graduação em Filosofia (1986) e Teologia pela Escola de Filosofia e Teologia da Diocese de Goiás (1990), mestrado (2000) e doutorado em Política Social pela Universidade de Brasília (2006). Por duas décadas foi professor adjunto da Universidade Católica de Brasília (UCB).

mentá-los. Apresentam-se igualmente muitos noviços, mas a maioria deles são pobres e muitos jovens.” (UMBRASIL, 2019, Carta nº 1, p. 87). Nesta correspondência ao Irmão João Maria, Marcelino compartilha a surpresa com o rápido crescimento do Instituto.

Em 1824, com a chegada do novo arcebispo de Lyon, Dom Gaston de Pins, Marcelino consegue um apoio importante, frente às perseguições que sofria por parte do vigário geral, padre Bochart. No período da Restauração, há uma mudança de rumo no governo da arquidiocese, com a liderança mais voltada ao Papa e sem a influência do galicanismo. É, justamente nesse cenário, que se dá o apoio do novo arcebispo à obra de Champagnat. A partir de então, a congregação ganha um hábito (batina), Marcelino Champagnat recebe a autorização da compra do terreno de L’Hermitage e o arcebispo autoriza a transferência do padre Courveille, como auxiliar do padre Champagnat na tarefa de direção e governo dos Irmãos. A autorização impulsiona Marcelino na aquisição de um terreno de 84 hectares, que se situava na margem esquerda do rio Gier. Segundo o Ir. Manuel Mesonero Sánchez, essa atitude do arcebispo para com o fundador o encherá de esperança e gratidão (MESONERO SÁNCHEZ, 2019).

Segundo o Irmão Jean-Baptiste Furet, do ano de 1824 até meados de 1825, o padre Champagnat, com outros pedreiros e auxiliados pelos Irmãos trabalharam com afinco na construção de L’Hermitage. Segundo a tradição marista, Champagnat era o principal responsável por todo o trabalho, e se destacava profundamente por uma força fora do comum, empregada sobretudo, nos trabalhos mais difíceis. Estando à frente de todos de todos os processos, seu exemplo foi singular para animar os irmãos e trabalhadores. A Casa Mãe do Instituto dos Irmãos Maristas era erguida com o esforço de todos os irmãos, tendo o entusiasta São Marcelino como guia. Assim, recorda o Irmão Lourenço:

Levantava-se de madrugada, nunca perdia tempo e apreciava o trabalho braçal; ele não se poupava e fazia sempre o que havia de mais duro e perigoso. Foi ele quem tudo fez na reforma da casa de La Valla. Nós ajudávamos, mas como não sabíamos trabalhar direito, quase sempre precisava mostrar-nos como fazer ou refazer tudo. (...) Não se queixava da nossa falta de jeito. Tínhamos boa vontade, mas éramos muito desajeitados, sobretudo eu. Às vezes, à noite, estava todo suado, coberto de poeira e com a batina rasgada. Nunca se mostrava tão contente como quando o trabalho e a dedicação tivessem sido intensos. (OM, Doc. 756).

Quanta ousadia, muitos devem ter dito, mas como Champagnat tinha prestígio, contatos e alguns benfeitores, coloca o projeto da construção em ação. Para se compreender as dificuldades, podemos nos valer dos estudos realizados por Karl Marx (1999)

e Thomas Piketty (2014), nos quais analisam a dinâmica da dominação política e econômica e seus efeitos sobre o processo cumulativo das riquezas consolidado pelo processo da acumulação das heranças na genealogia econômica das famílias francesas, nos fazendo compreender que no final do século XVIII e início do século XIX, além das conturbações políticas – marcadas pela violência e por acordos escusos, que muitas vezes envolvia a Igreja, pelo fato dela ter um lastro significativo junto às populações, principalmente, as de menor renda – revela-nos que a França de então era marcada por uma enorme desigualdade social, os pobres estavam condenados a viverem com enormes privações, enquanto uma pequena elite vivia de forma opulenta. Segundo Lanfrey (2015), a região escolhida para a construção de L’Hermitage era formada por camponeses, artesãos e pequenos empreendedores focados na tecelagem, que viviam de forma rústica. O que confirma o retrato geral narrado por Karl Marx e Thomas Piketty.

Na construção de L’Hermitage o padre Champagnat foi criticado por muitos padres da arquidiocese, entre eles o padre De La Croix, futuro bispo de Auch que dizia que o fundador estava construindo à toa (OM, Doc. 160). O projeto foi tachado de loucura e os próprios amigos de Champagnat tentavam desmotivá-lo de tal construção. Outros iam mais longe, chamando-o de louco, temerário e cabeçudo. Champagnat sofreu calado, uma vez que não ignorava o que se dizia sobre ele. Somente a aquisição do terreno de L’Hermitage custou sessenta mil francos. Na década seguinte foi negociada a compra de um outro terreno que ficava na outra margem do Rio Gier. A intenção inicial seria a construção de oficinas para permitir que os irmãos pudessem trabalhar e acolher jovens pobres da região para que tivessem um ofício. Segundo Lanfrey (2015), foram vários anos até que São Marcelino conseguisse pagar todas as prestações ao dono do terreno e saldar as dívidas contraídas na construção. O historiador Eric Perrin (2014), ao estudar o período, descreve de forma detalhada os atos relacionados à compra e construção de L’Hermitage, comprovando os gastos elevados assumidos por São Marcelino (Vide páginas 133 e 134), pagos no decorrer dos primeiros anos do Instituto Marista. As prestações finais foram assumidas por uma benfeitora, encerrando as dívidas relativas ao terreno e construção.

Os poucos recursos recebidos pelos irmãos não permitiam que Champagnat conseguisse pagar os empréstimos e muitas vezes teve que arrolar a dívida e solicitar ampliação do prazo para os pagamentos. No período da construção de L’Hermitage que o fundador caiu doente, gerando uma instabilidade e incerteza acerca dos empréstimos. Quando os credores souberam que o padre Champagnat estava à beira da morte, acorreram até L’Hermitage desesperados em conseguir recuperar de alguma forma o que

havam emprestado ao padre Champagnat. Não fosse a atuação do Irmão Estanislau que conseguiu o empréstimo com o padre Dervieux, pároco de Saint-Chamond que na ocasião pagou seis mil francos, e ainda assegurou a responsabilidade por todas as dívidas, algo muito pior poderia ter acontecido com a comunidade de L’Hermitage.

Segundo Sánchez (2019), as dívidas acompanharam Champagnat por toda a vida. Ele morreu devendo! Sem dúvida ele era um homem dinâmico, inquieto e seu desejo de fazer a Obra Marista florescer, frutificar era imenso. Foi um grande construtor.

Aprendemos com a crise financeira no período da construção da Casa Mãe de L’Hermitage, que a ousadia, a tenacidade e confiança sem limites, vai possibilitar uma ressignificação do dinheiro na ação apostólica de Champagnat e dos primeiros Irmãos. As dificuldades possibilitam um enorme aprendizado para o conjunto dos irmãos, o que vai beneficiar o Instituto Marista no decorrer desses dois séculos de existência.

20	Archives F.M.S. 89742 Doc. 0132.1020	1014
18 fev. 1824	donné a M. Loyer 1014	300
	donné a Desome Des Traictés communs de M. Lhu	50
	plus donné pour autres dépenses	14
	plus pour un jeyne pour faire la Noë	40
	reçu de M. Siou prêt	185-
24 fev.	donné a M. Schwabert marchand de vin	360
	pour solde de tout compte	100
	plus donné pour meses trois cent saup.	105#
	plus donné cent a M. Courbou syonais.	10#
14 Mars	donné a pouet ouvrier	58#
13 Mars	compte arrêté avec Loyer et me reste devoir	60#
13 idem	donné a M. Loyer pour solde de tout compte	57,50c
14 idem	reçu de M. Roussin Verin de M. Paul en prêt	20#
24 Mars	donné a Roussin marchand au creux pour solde	20#
	de tout compte jusques a ce jour	170#
12 Avril 1824	donné a Courbou le revenu de Sargent que je lui dois	124
16 Avril	donné pour Hoffel	300
19 Avril	donné a Vilou Daitteur	200
20 Avril	donné a M. Balle	116
24 Avril	donné a M. Siou	2203#40
1 Mai	donné Antoine Loyer	

Figura 03 – Reprodução da pag. 20 do Livro de Contas para Despesas (1826) Caderno 132.11

A CRISE NA SUCESSÃO DO PADRE CHAMPAGNAT: A COMPLEXA DECISÃO DO FUNDADOR NO DECURSO DE SUA ÚLTIMA DOENÇA (1839-1840)

Angelo Ricordi⁸

Dentro do projeto da Rede Centros de Memória da Região América Sul em trabalhar com a temática da crise sob diversos recortes da história marista, hoje, trazemos como reflexão para este artigo o complexo processo sucessório do padre Champagnat. Esse pequeno artigo, baseia-se em pesquisa recente e inédita do pesquisador Irmão Andre Lanfrey, publicado apenas na versão web, no site do Instituto, na seção História Marista.

1. Roma: um reconhecimento parcial

Pelo decreto *Ommium Gentium*, publicado em 29 de abril de 1836, o papa Gregório XVI reconheceu apenas o ramo dos Padres Maristas. O projeto inicial era previsto de uma família espiritual composta de padres, irmãs, irmãos e ordem terceira (nome dado à associação de leigos na época). Por isso, do ponto de vista canônico o padre Champagnat, devia obediência ao padre Colin, eleito superior da Sociedade de Maria. Esse reconhecimento marcou pela primeira vez, em outubro de 1836, a profissão de votos públicos pelos Irmãos de L'Hermitage. Até então, esses votos eram realizados, desde 1826 de modo privado pelos Irmãos. Na fórmula pública dos votos de 1836 aparece a ambígua informação: “Ao superior da Sociedade dos Irmãos de Maria”... A renúncia de Champagnat ao cargo de superior do ramo dos Irmãos um ano mais tarde, em 18 de setembro de 1837, não mudará minimamente um fato fundamental: canonicamente falando, o ramo dos Irmãos depende do arcebispado de Lyon e tem fundador próprio: além disso, sua história e seu espírito têm diferenças significativas com a história e o espírito dos padres.

⁸ Adaptação e resumo do artigo do Irmão André Lanfrey - publicado no site do Instituto Marista - Qui sera le successeur légitime de Marcellin Champagnat ? Le choix difficile du Fondateur lors de sa dernière maladie (1839 1840)
https://www.champagnat.org/shared/bau/MALADIE_ET_MORT_DE_CHAMPAGNAT_AndreLanfrey.pdf

2. O complicado relacionamento entre Jean-Claude Colin e Marcelino Champagnat entre 1836 e 1840

Graças ao acervo de fontes intitulado “Colin sup” podemos acompanhar os principais episódios da implantação de uma Sociedade de Maria em que, além das questões de fundo já mencionadas, os problemas materiais e administrativos têm um impacto considerável².

O que está em jogo no conflito entre os dois fundadores é um modelo de Igreja. Para Colin, a obra dos Padres era o centro de toda a Sociedade de Maria. Para ele, os Irmãos deviam servir em seu ministério, nos serviços temporais, à exemplo de Maria na casa de Nazaré. A educação como ministério e como evangelização não está no ideal de Colin. Ao contrário, Marcelino entende o trabalho dos Irmãos como um ministério, tão importante quanto dos apóstolos (CARTAS, n. 14 e 19) e L’Hermitage como o centro espiritual e carismático muito inspirado no Cenáculo (CARTAS, n. 62).

Abaixo, alguns pontos sobre como o padre Colin via a obra dos Irmãos:

É do interesse da Sociedade que as casas dos padres sejam bem servidas e que, para isso, se for necessário, se façam menos fundações.

E ele acrescenta:

Medito grande reforma no governo e no procedimento dos Irmãos [...] A vossas ideias parecem-me por demais fixas em certos pontos, e duvido de que nisso façais a vontade de Deus.

Um desses pontos é a falta de unção eclesíastica:

Evitai tratar os negócios de maneira precipitada. Evitai igualmente toda a espécie de brincadeira, que considero inteiramente oposta ao espírito religioso (CARTAS RECEBIDAS, n. 139, p. 278).

Um irmão ao serviço dos Padres da Sociedade faz vinte vezes mais do que se estivesse empregado numa comuna; hoje graças a Deus, os meios de instruir a juventude não faltam. Nunca pudestes compreender bem essa ordem e finalidade da Sociedade (CARTAS RECEBIDAS, n. 181, p. 351).

Fica patente uma divergência fundamental entre dois Maristas de primeira hora e dois fundadores. Para Colin, o ramo dos Irmãos não é um plano primitivo da Sociedade e os Irmãos educadores são uma criação particular de Champagnat que não tem utilidade apostólica por si mesma. Como muitos homens da Igreja de seu tempo, Colin não dá a menor importância à educação dos meios populares. Quanto a Champagnat,

mesmo tendo afirmado claramente que os Irmãos eram apenas um ramo posterior da Sociedade de Maria (Cf. Cartas de 1827), ele não concebe esta sem Irmãos dedicados ao ensino popular. Em consequência, ele se torna um obstáculo a uma reorganização da Sociedade de Maria na visão do Pe. Colin.

3. A construção da narrativa do processo de sucessão do fundador

Segundo a pesquisa do Irmão Lanfrey, a construção da narrativa sobre a última doença do fundador e o processo sucessório que escolheu o Irmão Francisco tem por finalidade dirimir as arestas e a gravidade do fato histórico. Pouco antes de morrer, Champagnat se dá conta da possibilidade e gravidade do ramo dos Irmãos ser entregue ao governo da própria diocese. E, ele tem razões para se preocupar: 1º no ano de 1839 há a separação definitiva entre os Irmãos Maristas e os Irmãos José (do ramo dos padres); 2º A congregação dos Irmãos não tem o reconhecimento pontifício, sendo apenas de direito diocesano.

A eleição do Irmão Francisco como diretor geral dos Irmãos, acontece num contexto de grandes mudanças na arquidiocese de Lyon. Com a morte do cardeal Fesch, no dia 13 de maio de 1839, o Administrador Apostólico Dom De Pins pensava ser conduzido ao cargo de arcebispo, no entanto, foi preterido pelo Cardeal d'Isoard. Ao saber da nomeação do cardeal d'Isoard, o padre Colin teve pressa em tentar organizar melhor a questão do governo dos Irmãos. No risco de morte do padre Champagnat, a situação do governo da congregação ficaria incerto. Assim narra o Irmão Jean-Baptiste: com a autoridade de que estava revestido, encontrar-se com o Arcebispo⁹, colocando-o a par da situação em que se encontrava o Pe. Champagnat [...] e suplicou que lhe desse os poderes necessários para fazer eleger um Irmão para sucedê-lo” (FURET, 1999, p. 225).

De maneira estratégica, Colin presidirá a eleição como delegado da Arquidiocese e como Superior da Sociedade de Maria. Mesmo Champagnat continuando superior dos Irmãos, a presença de um Diretor geral e de assistentes permite ao Pe. Colin se livrar de um confronto com um Champagnat que ele julgava pouco capaz, pouco dócil e pouco afeito ao verdadeiro espírito da Sociedade de Maria.

Em todo caso, a Vida comete um verdadeiro anacronismo apresentando-nos um Colin favorável à separação entre os dois ramos da Sociedade e um Champagnat muito apegado a sua unificação. Em 1839 ocorre exatamente o inverso. Colin só se decidirá

⁹ Mons. De Pins arcebispo *in partibus* de Amasia.

pela separação dos dois ramos a partir de 1842 e é só em maio de 1840 que Champagnat se resigna, pelo Testamento espiritual a confiar o ramo dos Irmãos a Colin.

4. Um Irmão pode ser o sucessor de Champagnat?

A nomeação do Irmão Francisco como Diretor Geral depois da sondagem dos Irmãos professos prepara o futuro, mas, ao mesmo tempo, amplia a confusão. Primeiro, com que autoridade o Pe. Colin intervém nessa nomeação-eleição ao presidi-la? Como delegado do arcebispado ou como superior da Sociedade de Maria? Na verdade, nos dois casos ela pode ser considerada discutível. Mas, acima de tudo, como os dois fundadores interpretam essa nomeação-eleição?

O Pe. Champagnat vê no Irmão Francisco um sucessor destinado a substituí-lo após sua morte enquanto o Pe. Colin pensa num superior dos Irmãos que seja sacerdote mesmo que ele delegue a administração a um Irmão. A nomeação do Irmão Francisco em outubro de 1839 é, pois, pensada como uma solução provisória, mesmo porque nem os Irmãos nem o próprio Champagnat consideram que a questão da sucessão seja colocada como uma necessidade concreta imediata. Mas a doença de Champagnat logo imporá a solução mais realista: a unificação da Sociedade sob um único fundador superior: o Pe. Colin.

A verdadeira autonomia desejada por Marcelino, da qual o Irmão Francisco é o modelo dentro do Instituto, só virá a partir de 1851, com o reconhecimento legal do Instituto e definitivamente, em 1863 com o reconhecimento pontifício. Segundo o padre marista, Bernard Bourtout, o governo do Irmão Francisco pode ser entendido muito mais como um triunvirato, do que necessariamente firmado na autoridade de um Superior Geral consolidado, algo que só acontecerá no governo do Irmão Louis-Marie.

AS CRISES NO INÍCIO DO INSTITUTO MARISTA (1817-1840)

Francisco Flores Sánchez¹⁰

Neste último artigo do ano de 2020, o Grupo de Investigação/Pesquisa, quer retomar algumas das temáticas que foram aprofundadas nos números anteriores do Informativo da Rede Centros de Memória, centrando-se por meio de um percurso cronológico, nos complexos momentos que englobam o início do Instituto Marista até a morte do seu fundador.

No percurso de 20 anos, em que Marcelino e os primeiros Irmãos vão formando o Instituto (1817-1840), nos deparamos com várias crises, ou seja, com situações que provocaram uma mudança profunda e de consequências importantes (Academia Real da Língua Espanhola). De todas estas instâncias que, por momentos fizeram estremecer a Instituição, tiram-se lições de vida e leituras de fé; depois de padecer, sofrer e sentir que às vezes a cruz é muito pesada e que os bons desejos, nem sempre são suficientes para continuar. A desolação e a angústia, são partes das crises, mas também a resiliência, que se apoia na esperança, na fraternidade e na entrega confiada de que o Instituto é uma obra de Deus e para Deus.

Neste sentido, nas origens da Congregação, temos identificado, oito crises, algumas poderíamos classificá-las como um acontecimento de “longa duração”, ainda que outras sejam “conjunturais”, e às vezes, episódicas (Braudel, F. 1968, *La Historia y las Ciencias Sociales*, pp. 60-106). Todavia, este número pode variar, levando em conta outros tempos turbulentos pelos quais passaram Marcelino e os primeiros Irmãos, momentos que a seguir assinalaremos, e que são a nosso ver, tempos que marcaram profundamente os primeiros anos de vida desta obra dedicada à evangelização pela educação:

¹⁰ Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Chile. Diplomado em Arquivística pela Universidade Alberto Hurtado de Chile. Diplomado em Patrimônio Marista pela Universidade Marcelino Champagnat do Peru. Diplomado em Gestão e Investigação em Patrimônio Cultural pela Universidade Alberto Hurtado do Chile. Mestre em Arquivística pela Universidade Carlos III da Espanha. Mestre em Museologia pelo Instituto Iberoamericano de Museologia da Espanha. Coordenador do Grupo de Patrimônio da Província Santa Maria dos Andes. Membro do Grupo de Referência em Investigação e do Comitê Gestor da Rede de Centros de Memória Marista da Região América do Sul.

1. As dívidas contraídas pelo fundador foram uma constante durante todo período de 1817 a 1840. Primeiro, foram os empréstimos para arrendar e ampliar a casa fundacional de La Valla e logo, a construção da casa mãe, l’Hermitage. “Os poucos recursos recebidos pelos irmãos não permitiam que Champagnat conseguisse pagar os empréstimos e muitas vezes teve que arrolar a dívida e solicitar ampliação do prazo para os pagamentos” (QUERMES, P. Informativo, n.4, agosto de 2020). Tal situação fez com que seus credores o buscassem no momento de debilidade física (enfermidade), para não perderem os recursos emprestados ao padre Champagnat.

2. Outra instância de longa duração em nossas origens, foi a precária saúde dos Irmãos Maristas. Aproximadamente dos 470 candidatos que chegaram a ser Irmãos no tempo de Marcelino, 48 deles morreram antes do Fundador, com uma média de 22 anos de idade. Estes jovens religiosos, geralmente contraíam enfermidades respiratórias nas escolas, associada à baixa qualidade na alimentação, inadequada calefação e ventilação, assim como a umidade dos edifícios, salas estreitas que expunham aos contágios frequentes com as crianças e que, naquela época, não possuíam ainda soluções da ciência (PINO, P. Informativo, n. 2, junho de 2020).

3. Há uma questão pertinente, tanto no tempo de Champagnat, como na atualidade: a crise vocacional. Vamos nos referir especialmente ao episódio ocorrido em 1822, contudo, devemos ter cautela com o conceito de crise, já que a Congregação havia sido fundada há aproximadamente cinco anos, mais que catalogar esta situação como uma crise de vocações, deveríamos falar de dificuldades para decolar como nova instituição (MESONERO, 2019, p.134). Talvez, para Marcelino tenha sido uma crise, pois ao comparar o panorama de prosperidade e ebulição das Congregações de “Irmãozinhos” dedicados à educação das crianças do campo, nossa situação era bastante precária. Apenas um postulante fora recebido em La Valla durante o ano de 1822. Em sua angústia, Marcelino peregrinou com frequência à capela vizinha de Nossa Senhora das Dores onde celebrava missa, iniciava várias novenas e confiava-se à proteção de Maria (Cf. ZIND, 1999, p.101). Nessas inúmeras idas à capela, encontra-se com Claudio Fayol, o postulante de 1822, que se tornaria o Irmão Estanislau, companheiro inseparável do Fundador (MESONERO, 2019, p.135). Finalmente, a escassez vocacional é solucionada com a chegada de oito postulantes do Alto Loire, levados enganados por um singular recrutador-malandro (CARAZO, 1999, p. 104-108).

4. Depois da crise de vocações, encontramos outro problema que era visto em perspectiva de uma profunda mudança na forma de relacionamento com a autoridade e com consequências duradouras para o Instituto: a fusão dos Irmãos Maristas com os Irmãos

da Cruz de Jesus (1823). O contexto desta “proposta” se dá pela complexidade que teve o Instituto – em vida do Fundador – de obter a autorização civil e eclesiástica. Na diocese há que pertencia Champagnat, o ensino das crianças cabia aos Irmãos das Escolas Cristãs (La Salle) e aos Irmãos da Cruz de Jesus (Bochard). Como vimos anteriormente, devido a proliferação de grupos religiosos, graças à Restauração na França, o cardeal Fesch assina uma portaria (1814) afirmando que nenhuma nova corporação religiosa ou inovação será admitida àquelas já existentes, sem uma ordem expressa. Claudio Maria Bochard foi o encarregado de executar a ordenança, organizando uma multidão de congregações e, na maioria das vezes, fundir os novos grupos com os Irmãos da Cruz de Jesus (sua congregação). Foi Rebod, o pároco de La Valla, quem deu a Bochard as notícias das atividades de seu coadjutor Marcelino Champagnat, como formador e organizador de escolas. Assim começaram as primeiras reclamações e depois as entrevistas entre Bochard e Champagnat. Nesses diálogos, o vigário pressionava e ameaçava terrivelmente a Marcelino, com o intuito de anexar a obra marista à sua, criando obstáculos à autorização dos Pequenos Irmãos de Maria. A atitude de nosso Fundador foi de paciência, silêncio e humildade para sofrer a adversidade de um superior difícil de enfrentar. Essa etapa se encerra, em 22 de dezembro de 1823, com a eleição de um novo arcebispo: Dom Gaston de Pins (MESONERO, 2019, p.156-166).

5. A “noite escura” ou a grande crise do fundador (1824-1826), é causada pelo árduo trabalho na construção... na construção de l’Hermitage, somado às viagens cansativas que realizou, por volta da festa de Todos os Santos, às escolas dos Irmãos, levou o fundador a um verdadeiro colapso físico e mental. Depois da celebração do Natal de 1825, caiu gravemente enfermo, a ponto de ter sido necessário fazer um testamento, em caso de falecimento. Em meio a esta doença complexa, os padres maristas, Courveille e Terraillon, estando encarregados da Congregação, procuram moldá-la segundo as suas próprias normas, chegando a opor o Conselho Arcebispal ao Fundador e sua obra. A crise de 1826 reformula, portanto, a compreensão da finalidade e ação dos Irmãos Maristas, bem como revela à Marcelino quais são os Irmãos com quem ele pode contar no desdobramento da refundação do Instituto Marista (RICORDI, A. Informativo, n.03, julho de 2020).

6. O Decreto de autorização do Instituto está a ponto de ser assinado pelo Rei Carlos X, quando estoura a Revolução de Julho (1830), com uma onda anticlerical, motivo pelo qual o rei deve exilar-se. O fundador, anos depois, retoma estes trâmites em Paris (1837-1838) mas seus resultados são malsucedidos.

7. Os acontecimentos anteriores se unem à proclamação da Lei Guizot (**1833**) onde se impõe que todos os professores deveriam ter um diploma (brevet) para poder dar aulas e complica-se também o problema do serviço militar que retira cada vez mais vocações do Instituto. Por isso, o Conselho Arquidiocesano, auxiliado pelos esforços do Padre Pompallier, que não vê com bons olhos a administração de Marcelino, propõe aos Irmãozinhos de Maria uma nova anexação, desta vez com os Clérigos de Saint-Viateur, para que desfrutem da autorização legal (1827-1833), no entanto, essa mistura de carismas não prosperou, ainda que que a situação clamasse por isso.

8. A aprovação dos Padres Maristas (1835-1836). Assim que Marcelino se reuniu com o Padre François Mazelier (1835), assinaram um acordo de apoio mútuo: os jovens Irmãos Maristas seriam enviados à congregação de Mazelier — os Irmãos da Instrução Cristã —, para se livrarem do serviço militar e este os receberia para darem apoio a suas escolas. Ao mesmo tempo, o Padre Colin, havia anos, estava tentando a aprovação da Sociedade de Maria pela Santa Sé. Para tanto, Roma lhe pedira que limitasse seu projeto e se encarregasse da missão na Oceania. O Padre Pompallier aceita encarregar-se desse pedido pontifício, principalmente para acelerar a tramitação (1835) e assim conseguir a autorização canônica da Sociedade de Maria, mas exclusivamente para os Padres Maristas, que irão para a Oceania (1836) como missionários. Realiza-se o retiro dos Padres Maristas em Belley naquele ano e o Padre Colin é eleito Superior Geral da Sociedade de Maria. Todos os presentes, inclusive o Padre Champagnat, emitem voto de obediência. Nesse contexto, os Padres Maristas e os Irmãos Maristas ampliavam cada vez mais suas diferenças na missão e nos carismas dentro da Igreja.

9. Ser religioso e educador no ocaso da vida (1836-1840). O problema que comentamos anteriormente se refletirá na emissão dos votos públicos dos Irmãos Maristas, que, nos textos da cerimônia litúrgica, obedecem ao Superior da Sociedade de Maria, o Padre Colin, mas as Atas de Registro de votos confirmam sua obediência ao Superior dos Irmãos Maristas, isto é, a Marcelino. Naquele momento, Champagnat se divide entre ter um compromisso de obediência e ser fundador de uma congregação. “De 1836 a 1840 as relações entre os Padres e os Irmãos Maristas foram difíceis para não dizer conflitantes” (Lanfrey, A., 2015, *História do Instituto* Vol. 1, p. 132). Mas o problema já era antigo: as discordâncias entre o Padre Jean-Claude Colin e o Padre Marcelino Champagnat tiveram início aproximadamente em 1820, quando ambos propunham visões divergentes do ramo dos Irmãos. O Padre Colin, desde o começo, comenta que o ramo dos Irmãos não faz parte de seu plano para a Sociedade de Maria, propondo pouco tempo depois nova divergência, os Irmãos coadjutores ou “Irmãos José”, cuja missão seria a ajuda doméstica e litúrgica dos Padres Maristas, diferentes dos Irmãos educadores

de l'Hermitage (1838). Por outro lado, Champagnat não concebia dois tipos de Irmãos dentro do mesmo ramo (Conf. Mesonero, M., 2019, *op. cit.*, pp. 311-320). Para dar um fim a essa crise de liderança e de carismas, no retiro geral no Seminário Menor de Meximieux, Marcelino apresenta sua renúncia ao cargo de superior do ramo dos Irmãos em 18 de setembro de 1837. Entretanto, como nos confirma o testemunho indireto do Padre Maîtrepierre: “O Padre Geral [Colin] imediatamente o nomeia novamente. Sua dependência torna-se assim mais regular, mais delicada e mais benéfica para ele e para sua congregação” (CEPAM Vínculo, ch338006.doc, p. 4). Essa renomeação, canonicamente falando, não muda o fato de que os Irmãos continuam na dependência do arcebispado de Lyon com um fundador próprio, mas sua história e seu espírito têm diferenças significativas com a história e o espírito dos Padres. Nesse sentido, logo após a eleição do Irmão Francisco como diretor geral, diante da urgência provocada pela doença de Marcelino, fica sempre sob a tutela do Padre Colin, como Superior da Sociedade de Maria, tornando assim provisória a nomeação. A verdadeira autonomia desejada por Marcelino, da qual o Irmão Francisco é o modelo dentro do Instituto, só virá, a partir de 1851, com o reconhecimento legal do Instituto e definitivamente em 1863, com o reconhecimento pontifício. (Conf. Lanfrey, A., *Informativo* n. 5, outubro de 2020).

Este texto é o mais extenso de todos os projetados para 2020, contudo, nos pareceu importante conectar os fatos aos seus contextos, principalmente aqueles que não havíamos podido aprofundar em artigos anteriores. Para concluir, nos referimos a duas lições – entre muitas outras – que parecem relevantes para a vida de Marcelino e para a experiência das sucessivas crises de Marcelino e do Instituto: a primeira é um discernimento a partir do *Nisi Dominus*, ou seja, a entrega total à vontade de Deus; em segundo lugar, essa liderança não pode ser exclusiva dele e dos padres Maristas, devemos incluir também os Irmãos. Essas duas máximas, acreditamos, são o que tem mantido o Instituto vivo e atualizado, em particular, ao incorporar o carisma marista em diferentes culturas, tempos e contextos permitindo que a mão de Deus oriente a nossa vida.

Nos despedimos desse ano, tão profícuo de artigos para o *Informativo* da Rede de Centros de Memória Marista da Região América Sul, onde o Grupo de Referência de Pesquisas procurou dar “um olhar histórico ao caminho desta nossa família carismática, pois o dom do Espírito Santo dado como dom fundacional, não é apenas uma relíquia, senão um manancial que emana vida para todas as gerações que o recebem e para todos os contextos onde vivem e se doam aqueles que o acolhem. Há portanto, uma tarefa coletiva evangélica e mariana que foi se desenvolvendo e se desdobrando ao longo do tempo que percorremos desde 1817 até os dias atuais, e do espaço que ocupamos, de La Valla aos 82 países onde estamos hoje (PINO, P. *Informativo*, n.1, maio de 2020).

BIBLIOGRAFIA

CHAMPAGNAT, Marcelino. **Cartas de Marcelino J. B. Champagnat. Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas.** Brasília: UMBRASIL, 2019.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino de José Bento Champagnat.** São Paulo: Loyola, 1999.

LANFREY, André. **Marcelino Champagnat e os primeiros irmãos maristas 1789-1840: tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação.** Curitiba: FTD – Memorial Marista, Vol. 1. 2017.

LANFREY, André. Mathieu Patouillard, Vizinho de L'Hermitage. **Cadernos Maristas**, Nº 33, pp. 115-122, Instituto Marista, Roma, 2015.

LANFREY, André. **Qui sera le successeur légitime de Marcellin Champagnat ? Le choix difficile du Fondateur lors de sa dernière maladie (1839-1840).** Instituto dos Irmãos Maristas, Roma, set. 2009. Disponível em: https://www.champagnat.org/shared/bau/MALADIE_ET_MORT_DE_CHAMPAGNAT_AndreLanfrey.pdf. Acesso em 01/02/2020.

MARX, K. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte” In: **Manuscritos Econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** Seleção de textos de José Arthur Giannotti; tradução de José Carlos Bruni et al. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MESONERO SÁNCHEZ, Manuel. **San Marcelino Champagnat: biografía del fundador de los Hermanos Maristas.** Santiago: Imprenta Mori, 2019.

MESONERO SÁNCHEZ, Manuel. **Como oro em el crisol. San Marcelino Champagnat.** Madrid: Imprintalia, 2018.

PERRIN, Eric. Nascimento de L'Hermitage de Champagnat em Gaux – de acordo com os arquivos do Sr. Finaz (1824-1841). **Cadernos Maristas**, Nº 32, pp. 133-159, Instituto Marista, Roma, 2014.

PIKETTY, Thomas. **Capital in Twenty-First Century.** London: Cambridge, 2014.

STROBINO, Ivo Antonio. **Cartas de São Marcelino Champagnat: cartas recebidas.** Curitiba: Champagnat, 2003.

ZIND, Pierre; CARAZO, Agustín. **Tras las huellas de Marcelino Champagnat. El contexto histórico, religioso y educativo del Fundador.** Chile: Provincia Marista de Chile, 1999.

CEPAM Vínculo:

- Testimonios Menores Indirectos: *P. Maîtrepierre – OM 752* (ch338006.doc)
- SESTER, Paul. *Origines des Freres Maristes. Recueil des Écrits de St Marcellin Champagnat*. 1789-1840. Tome 3, pp. 301-315. Original en AFM 135.6 (ch175003.doc)
- BRAMBILA, Aureliano (2005). Lugares de Encuentro con Marcelino Champagnat. Personal ingresado en tiempos del Fundador. Loma Bonita – Guadalajara, México, pp. 44 y siguientes (in733001.doc e in910001.doc).
- Citas extraídas de la correspondencia activa del Padre Champagnat sobre los temas: salud y enfermedad (Ch190072.docx)

